

## **DESENVOLVENDO AS HABILIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO SUPERIOR**

Daíne Cavalcanti da Silva\*

Tânia Bueno do Prado\*\*

SILVA, D. C.; PRADO, T. B. Desenvolvendo as habilidades da Língua Portuguesa no Ensino Superior. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 7, n. 2, p. 165-179, jul./dez. 2007.

**RESUMO:** A Língua Portuguesa, para muitos estudantes, é vista como um estudo enfadonho e muitas vezes desnecessário a alguns cursos de graduação. Entre os fatos que contribuem para essa aversão à língua, está o estudo fracionado. Em muitos casos, assuntos que deveriam estar interligados são vistos como se não possuíssem relação alguma. É o caso das habilidades da Língua Portuguesa (ouvir, falar, ler e escrever), que diversas vezes não são trabalhadas como um todo ou ainda não são estudadas. É fato que elas só serão desenvolvidas em sua totalidade se forem trabalhadas de forma conjunta, pois existe uma relação entre elas que deve ser respeitada e desenvolvida, independentemente do curso de graduação escolhido, visto que a língua é um patrimônio social que serve de comunicação para toda uma nação. Diante disso, este artigo tem por objetivo entender o papel de cada habilidade da língua, na sala de aula, bem como o papel do professor em relação a elas, de acordo com a opinião de autores como Hoss e Possenti, confrontando a pesquisa bibliográfica com as propostas dos planos de ensino dos cursos de Direito, Letras e Jornalismo de duas instituições de Ensino Superior, verificando se as propostas dos planos de ensino correspondem às expectativas de diferentes estudiosos do assunto.

**PALAVRAS-CHAVES:** Habilidades. Língua Portuguesa. Sala de aula. Ensino superior.

### **APPROACHING PORTUGUESE LANGUAGE SKILLS AT HIGHER EDUCATION**

**ABSTRACT:** Portuguese Language is considered an unnecessary and boring subject for some university degrees by a number of students. Partitioned studying

---

\*Acadêmica de Letras - Universidade Paranaense - UNIPAR - *campus* Cascavel – daine\_@hotmail.com

\*\*Mestre em Comunicação e Semiótica, professora da Universidade Paranaense - UNIPAR - *campus* Cascavel – tania@unipar.br

is among the facts contributing for such aversion. In many situations, interrelated topics seem to present no relation whatsoever. It is a fact that they will be only fully approached once interrelated as there is a relation among them to be respected and developed in spite of the graduation course chosen since language is a social inheritance which enables communication throughout the nation. Therefore, this article aims at understanding the role of each language ability within the classroom, as well as the teacher's role with respect to them according to the opinions from Hoss and Possenti by confronting the bibliographical research with the proposals from the Law, Literature, and Journalism courses curriculums from *Centro Universitário Luterano de Palmas e Faculdade Estácio de Sá* verifying whether the proposals for the teaching plans meet the expectations of different scholars.

**KEYWORDS:** Skills. Portuguese language. Classroom. Higher Education.

## DESARROLLANDO LAS HABILIDADES DE LA LENGUA PORTUGUESA EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR

**RESUMEN:** La Lengua Portuguesa, para muchos estudiantes es tenida como un estudio aburrido y muchas veces innecesario para algunas carreras. Entre los hechos que contribuyen para esa aversión a la lengua, está el estudio fraccionado. En muchos casos, temas que deberían estar interconectados son tomados como si no tuvieran ninguna relación. Por ejemplo las habilidades de la Lengua Portuguesa (oír, hablar, leer y escribir), que muchas veces no son trabajadas como un todo y tampoco son estudiadas. El hecho de que ellas solo serán desarrolladas en su totalidad si trabajadas de manera conjunta, pues existe una relación entre ellas que debe de ser respetada y desarrollada, independientemente de la carrera elegida en la graduación, ya que la lengua es un patrimonio social que sirve de comunicación para toda una nación. Por lo tanto, este artículo tiene como objeto entender la función de cada habilidad de la lengua, en clase, y también la función del maestro con relación a ellas. De acuerdo con la opinión de autores como Hoss y Possenti, confrontando la investigación bibliográfica con las propuestas de los planes de enseñanza de los cursos de Derecho, Letras y Periodismo de dos instituciones de enseñanza superior (*Centro Universitário Luterano de Palmas y Faculdade Estácio de Sá*), verificando si las propuestas de los planes de enseñanza corresponden a las expectativas de diferentes estudiosos del asunto.

**PALABRAS CLAVE:** Habilidades. Lengua Portuguesa. Clase. Enseñanza superior.

## INTRODUÇÃO

“Não te irrites por mais que te fizerem  
Estuda, a frio, o coração alheio.  
Farás, assim, do mal que eles te querem,  
Teu mais amável e sutil recreio...”  
Mário Quintana

Em muitas universidades, a Língua Portuguesa está saindo das grades curriculares de alguns cursos, ficando muitas vezes restrita àqueles em que a escrita e a fala são um dos mais importantes instrumentos de trabalho para o profissional, como nos cursos de Jornalismo e Direito, ou mesmo no curso de Letras, formando professores da língua materna. Em cursos como Medicina, História ou Pedagogia, a Língua Portuguesa não faz parte das matérias específicas, mas vale ressaltar que, como patrimônio social, a língua também é um meio de exclusão social, e todos os profissionais devem saber se expressar por meio da norma padrão, assim como um jornalista, advogado ou professor de Língua Portuguesa.

Como em qualquer idioma, a Língua Portuguesa também se baseia em quatro habilidades (ouvir, falar, ler e escrever) que, embora sejam distintas umas das outras, precisam estar interligadas para o bom desenvolvimento do aprendizado em sala de aula, para que os profissionais não saiam das universidades sem ao menos fazer o uso correto da Língua Portuguesa em tais habilidades.

Para melhor entender a ligação existente entre essas habilidades, neste trabalho elas serão divididas em dois grupos: o primeiro, contemplando as atividades de ouvir e falar e o segundo, de ler e escrever.

É fato que, ao nascermos, a única habilidade que possuímos é a de ouvir, que mais tarde nos servirá como modelo para desenvolver a de falar, porém, ao nos referirmos à habilidade de ouvir no ensino da Língua Portuguesa, ela deve ser considerada não apenas o ato de receber uma mensagem do emissor, e sim, ao recebê-la, interpretá-la, analisá-la e contextualizá-la, levando o ouvinte a se posicionar diante da informação recebida.

Com relação a essa habilidade, o papel do professor não se resume

a levar o aluno apenas à decodificação da mensagem, mas a instigá-lo para que este possa se interessar, avaliando aquilo que lhe foi dito e tirar suas próprias conclusões, de acordo com o conhecimento adquirido sobre o assunto.

Já o fato de se concluir a leitura do texto apresentado pelo professor não se deve considerar como algo acabado. É importante que o aluno deixe de ser apenas o receptor e passe a ser o emissor da mensagem, uma vez que o seu ponto de vista também tem que ser considerado. Para que tenha êxito como emissor, durante sua fala, ele precisa unir seu conhecimento de forma clara e objetiva para que seja entendido, cabendo ao professor aperfeiçoar a expressão do aluno, que passará sua mensagem com melhor entonação, com vocabulário mais elaborado e com boa expressão, facilitando a recepção do ouvinte.

O grande questionamento ao nos referirmos à habilidade da fala é o que ensinar em sala de aula. Se por um lado temos os lingüistas que defendem a aceitação de diversas variedades lingüísticas, sejam elas de caráter regional, socioeconômico, etário, entre outros, de outro lado encontram-se os gramáticos, sempre em defesa da utilização da norma padrão.

Ainda que se encontre um equilíbrio entre a teoria de gramáticos e de lingüistas, devemos nos ater a outro questionamento: como ensinar o aluno a se expressar melhor pela fala, sabendo que este já se utiliza dessa habilidade desde que era criança e que não precisou da ajuda da escola para desenvolvê-la? Segundo Possenti (1996, p.45) “língua não se ensina, aprende-se” e, nessa frase, pode estar o método para lidar com a fala em sala de aula, onde são aplicados alguns exercícios para o desenvolvimento da expressão oral.

Embora seja importante a aplicação de exercícios, esses devem ser contextualizados, pois, se assim é feito com uma criança que ainda não fala, mas aprende com o auxílio dos pais, sem que estes apliquem inúmeras tarefas a ela, por que não utilizar a mesma técnica em sala de aula, propor aos alunos que aperfeiçoem seu vocabulário e tenham melhor desempenho na comunicação oral? Quanto ao modo de aprendizado das crianças nessa habilidade, Possenti (1996, p. 47) relata: “ocorre um uso efetivo da linguagem, um uso sempre contextualizado, uma tentativa forte de dar sentido ao que o outro diz”.

No ensino da Língua Portuguesa, uma das melhores formas de aperfeiçoamento do ouvir e do falar é a discussão em grupo, já que, nesse ambiente, os alunos expressam suas idéias oralmente, e, se elas não possuírem uma seqüência lógica, criatividade, clareza e objetividade não serão facilmente entendidas pelo receptor.

O professor organizando, na escola, o ambiente de grupo necessário para desenvolver a conversação, torna-a mais educativa e agradável, proporcionando maior comunicação, enriquecendo a vivência individual, ao mesmo tempo em que permite ao educando desenvolver o espírito crítico e a criatividade (HOSS 1981, p. 85).

A realização de atividades em grupo não desenvolve apenas o ouvir e o falar, mas permite também que o aluno possa interagir com seus colegas, realizando uma constante troca de informações necessárias, a fim de que ele possa adquirir novos conhecimentos para ter uma melhor expressão, seja pela fala ou pela escrita, já que

a partir de uma dinâmica interna, os alunos colocam seus conhecimentos e suas estratégias à disposição do grupo, fazendo-se mútuas contribuições, o que lhes permite incorporar novos conhecimentos (BONALS, 2003, p. 16).

Segundo Hoss (1981, p. 86), “ler é receber uma mensagem escrita em que o receptor compreende, reage e integra essa mensagem”. A boa compreensão da mensagem recebida é fundamental para a boa leitura. Porém, para a maioria dos professores, a maior dificuldade é anterior ao recebimento da mensagem, pois despertar o interesse do aluno pela leitura tem se tornado uma tarefa difícil. Assim, cabe ao professor a adequação das leituras para seus alunos, para que estes não a façam apenas por obrigação, pois, “para que a aula de leitura tenha proveito, o professor deve despertar o interesse do aluno para a mesma com material selecionado em função do seu nível de treinamento” (HOSS, 1981, p. 89), que aumenta à medida que a leitura se torna um bom hábito, fazendo com que o discente desempenhe cada vez melhor sua capacidade interpretativa, podendo gradativamente ler textos mais complexos e em maiores quantidades.

Dentre as quatro habilidades, a leitura é a mais importante,

pois quando trabalhada além da decodificação, interpretando o texto trabalhado, o aluno amplia seu conhecimento e sua capacidade de compreensão. Segundo Hoss (1981, p.87), por meio da leitura o aluno tem capacidade para “aumentar seus conhecimentos e, conseqüentemente, tem mais elementos para julgar, comparar e discriminar valores”. Com esses objetivos alcançados, o aluno deixa de ser um leitor pacífico e passa a ter opiniões a respeito do assunto, podendo assim passar ao desenvolvimento de outra habilidade intimamente ligada à leitura, que é a escrita, já que “a habilidade da leitura conduz o aluno à habilidade da escrita” (CREIDY apud HOSS, 1981 p. 82).<sup>1</sup>

Considerando a leitura como habilidade essencial que deva ser priorizada para o aluno, a escrita constitui-se um dos maiores obstáculos para o professor de Língua Portuguesa, pois, para o bom desenvolvimento dessa habilidade, existem alguns fatores a serem observados: o conhecimento do aluno sobre o tema abordado, o que dá ao texto uma boa fundamentação, e a clareza na expressão de suas idéias, já que uma frase mal elaborada pode modificar o seu sentido ou mesmo não ser compreendida.

A organização de idéias, expressando-as de forma clara, espontânea e criativa, em seqüência lógica, observando a unidade e as normas da estrutura correta das orações, deve ser o objetivo fundamental do ensino da escrita (HOSS, 1981, p. 83).

Muitos alunos sentem dificuldade para conciliar suas idéias com a forma de transmiti-las pela escrita, por isso pode-se dizer que a escrita não é uma simples transcrição da fala para o papel. Ao transmitir uma mensagem oralmente, o emissor pode repeti-la ou explicá-la de melhor forma, sem que isso altere todo o sentido do seu pensamento. Já, no momento em que escreve, o simples ato de voltar e substituir determinada palavra pode levar o emissor a alterar todo o sentido de sua oração ou ainda ter que mudar todo o enunciado para que este seja entendido por seu receptor que, por sua vez, não poderá interrogar o autor sobre aquilo que está lendo, como poderia fazer se estivesse conversando com o emissor. Por isso, o primeiro pensamento que o aluno deve ter em mente ao escrever é o fato de que o leitor não tem outra possibilidade para entender sua mensagem se não for por meio daquilo que ele escreveu. Sendo

assim, é de suma importância a clareza de informações e a objetividade da mensagem.

No ensino superior, a escrita torna-se muitas vezes a principal habilidade que os alunos desejam desenvolver na Língua Portuguesa, pois entendem a disciplina como mera base ao desenvolvimento da escrita que auxiliará na elaboração dos trabalhos de conclusão de curso e não como um todo significativo que trará benefícios ao desenvolver as quatro habilidades. Essa concepção, na opinião da maioria dos discentes, considerando que a grade curricular do curso tem a língua materna como disciplina não específica, não se deve apenas à falta de reconhecimento da importância da língua pelos estudantes, mas também ao contexto universitário que trata a língua como algo distante e desnecessário em muitos cursos.

## **OBJETIVO**

Este trabalho buscou confrontar o que dizem autores como Possenti e Hoss, que discutem o ensino da Língua Portuguesa, principalmente no que se refere às quatro habilidades, com os planos de ensino de diferentes universidades, buscando uma ligação entre ambos e uma possível resposta às dificuldades de docentes e discentes no que se diz respeito à aprendizagem da língua materna. Com a pesquisa bibliográfica buscou-se apontar a principal função de cada habilidade e quais as possíveis maneiras de trabalhá-las de forma unificada. Já por meio das pesquisas realizadas nos planos, pôde-se perceber a forma como eram dirigidas essas aulas e constatou-se que, na maioria dos casos, o estudo da língua ocorria de forma fracionada, o que resulta, muitas vezes, em um desinteresse do discente em relação à disciplina. A partir dessa análise, foi possível verificar a eficácia do ensino de Língua Portuguesa no ensino superior e a melhor forma de trabalho que pudesse otimizar os resultados esperados pelo docente de Língua Portuguesa como, a correspondência às expectativas dos universitários.

## **METODOLOGIA**

Como aprofundamento sobre conteúdo e didática da Língua Portuguesa no ensino superior, foi realizado um estudo de diferentes

bibliografias que versam sobre o ensino da língua materna, em busca de quais métodos teriam melhor resultado em sala de aula, perante os acadêmicos. Vistas as teorias encontradas, buscou-se reunir planos de ensino da Língua Portuguesa da faculdade Centro Universitário Luterano de Palmas e da Faculdade Estácio de Sá, de Santa Catarina, nos cursos de Direito, Letras e Jornalismo, para analisar qual a didática aplicada pelos docentes para alunos do terceiro grau, podendo, assim, confrontar a teoria e a prática descritas nos objetivos específicos e na ementa da disciplina presentes nos planos de ensino, visando verificar se há relação entre ambos e quais seriam as soluções para determinados problemas de ensino-aprendizagem, caso existissem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

É comum encontrar docentes de cursos e disciplinas diferentes com a mesma reclamação de seus alunos: “você não lê; se lessem, entenderiam”. Enquanto pensarem dessa forma, os alunos continuarão a não entender, pois o fato de ler não leva ninguém ao entendimento, e sim, somente à decodificação. Portanto, a maneira correta de dizer seria: “você apenas decodifica, não interpreta; assim, não entende”.

A disciplina de Língua Portuguesa, ao contrário do que pensa a maioria das pessoas, não se resume ao ensino da gramática normativa, a aulas expositivas nas quais o professor repete há anos o mesmo conteúdo e da mesma forma, alheio à realidade e à época na qual se vive, a um ensino repetitivo em que o aluno se torna um objeto a ser moldado e, para tanto, deve-se manter em completa inércia em relação à sociedade.

Com essa forma de ensinar, segundo Luckesi (2000, p. 40), “o aluno é o ouvinte, o receptor passivo do que é emitido pelo professor – mestre; sua função é, portanto, de ouvir, aprender, isto é, memorizar e repetir o que lhe é transmitido”. Ao contrário disso, o professor deve instigar seus alunos a desenvolver um olhar crítico, para que se tornem cidadãos participativos e conscientes da realidade social na qual estão inseridos.

“Específico da universidade é o esforço de ser e desenvolver nos seus membros a dimensão de uma consciência crítica” (LUCKESI, 2000, p. 42), mas, se o papel da universidade é o desenvolvimento de

cidadãos críticos, por que essa função deve ser desenvolvida pela Língua Portuguesa? A resposta é simples, pois a língua é um patrimônio social e, para que seja considerada viva é necessário que seja utilizada como meio de comunicação por um povo. Logo, se ela necessita de que a falem para estar viva, é pertinente que se trabalhe essa fala e também o conteúdo que é comunicado por meio dela. Então, tem-se novamente as habilidades, neste caso, escrita e fala, não só como um aspecto importante a trabalhar em sala de aula, mas também com uma função social: “a função da língua é englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la através das gerações” (CHAMADOIRA, 1998, p. 14).

Dessa forma, um tema que gere polêmica tende a despertar maior interesse àqueles que aprendem, e proporciona melhores condições ao docente, que poderá utilizar as discussões como propulsão da língua tanto pelo ouvir e falar, como pelo ler e escrever.

A visão dicotômica da língua, com a qual o docente se propõe, ora ao ensino da norma padrão – defendido pelos gramáticos - ora à socialização do indivíduo – na defesa dos lingüistas, é um dos aspectos que tornam o aprendizado da língua materna algo enfadonho para muitos discentes. Os professores tendem a se imaginar como sujeitos acríticos, se trabalham a gramática, ou críticos se a abandonam para o trabalho conjunto com a realidade social. Eles desconhecem que a união dessas formas de ensino traz benefício aos alunos, que tendem a se interessar mais pelo conteúdo ensinado de forma contextualizada e com a aplicação do aprendizado da gramática, do que havendo uma divisão das duas formas. Tais divisões como essa ou a divisão entre gramáticos e lingüistas é o que torna a língua um obstáculo aos estudantes, afetam o gosto e a compreensão da disciplina, pois a didática abordada por alguns docentes não admite um equilíbrio entre tais opiniões.

A divisão da Língua Portuguesa em sala de aula está distante da simples opinião divergente de docentes críticos ou acríticos ou de lingüistas e gramáticos. Existe ainda uma subdivisão em tais grupos, principalmente em relação às quatro habilidades já mencionadas, ou seja, ao ensino fracionado, como se a leitura não se relacionasse com a escrita ou o ouvir com a fala. Essa prática em nada mais resulta do que na desarticulação do ensino, quando novamente teremos a predominância de uma visão e o aprendizado de uma habilidade ou outra.

Diante da variedade de cursos e a constante renovação de conhecimento do docente, faz-se necessário o desenvolvimento simultâneo das quatro habilidades de modo contextualizado, valorizando a Língua Portuguesa nos cursos de graduação. Assim, deve-se ainda avaliar o que diz o Ministério da Educação (2000, p. 23) sobre a língua como forma de participação social, e conseqüentemente como meio de comunicação das pessoas: “o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento”.

Dado o fato da baixa carga horária de Língua Portuguesa nos cursos de graduação, torna-se muitas vezes inviável o trabalho em grupo na sala de aula, conforme propôs Hoss (1981). Porém, o ouvir na universidade pode se desenvolver apenas se o aluno se dispõe a ser o receptor do docente e o modo como este se porta como emissor do conhecimento, estabelecendo uma relação entre os dois.

De um lado o professor, sujeito de criação, coordenação, proposição de estudos, questionamentos e debates; de outro, o aluno, sujeito – nunca objeto – de seu aprendizado, exercitando e desenvolvendo seu potencial crítico, através de um esforço inteligente de assimilação, de criação de questionamento (LUCKESI, 2000, p. 43).

A constante mudança da Língua Portuguesa e do perfil dos discentes que hoje ingressam nas universidades faz com que os docentes estejam sempre renovando seus conhecimentos e conceitos didáticos para estarem aptos a ministrarem a disciplina. Tal adaptação faz-se necessária no planejamento e na execução das aulas em diferentes cursos, pois, apesar de o desenvolvimento das quatro habilidades ser de suma importância em qualquer graduação, é fato que o contexto de cada curso e a finalidade da língua é diferente, variando também a profundidade de alguns conteúdos a serem trabalhados.

Sendo assim, imagina-se que os planos de ensino de cursos e professores distintos possuam métodos e objetivos diferentes para a disciplina. Porém, não é o que se pode averiguar na análise de planos de ensino do Centro Universitário Luterano de Palmas, nos cursos de Comunicação Social – Jornalismo, Direito e Letras, cada plano elaborado

por um professor.

O objetivo específico da disciplina para o curso de Comunicação Social – Jornalismo, é: “ Ler textos de modo significativo, estabelecendo relações cotextuais e contextuais; relacionar fala e escrita, destacando aspectos estilísticos e discursivos da escrita ausentes na fala; produzir textos com desenvoltura”. Na análise do plano de ensino do curso de Letras, encontram-se os mesmos objetivos: “Relacionar fala e escrita, destacando aspectos estilísticos e discursivos da escrita ausentes na fala. Transformar texto oral em texto escrito, criando versões alternativas. Ler textos de modo significativo, estabelecendo relações cotextuais e contextuais; Produzir textos com desenvoltura”. E, ainda, no curso de Direito, os objetivos são: “Transformar texto oral em texto escrito, criando versões alternativas, conforme o gênero eleito”.

Ao iniciar esta pesquisa, já se esperava que os planos de ensino não relatassem em totalidade o trabalho desenvolvimento em sala de aula, visto que tais planos são elaborados no início do ano letivo, sendo assim, o docente não faz a adequação do seu plano de acordo com o perfil de seus alunos, redigindo os objetivos apenas de acordo com o conteúdo.

Depois das análises desses planos, pôde-se perceber que muitos docentes encaram a elaboração dos planos de ensino como um relatório obrigatório a ser entregue às universidades e não como uma exposição da disciplina que auxilia professores e alunos na administração do conteúdo durante o ano. Percebe-se ainda que as universidades se limitam à exigência dos planos de ensino e não necessariamente ao conteúdo proposto neles, posto que três cursos distintos possuem os objetivos específicos da Língua Portuguesa praticamente idênticos.

Dando continuidade à análise desses planos, vê-se uma nova repetição nos três planos, no que se refere à interpretação descrita na ementa “interpretação: leitura nas entrelinhas”, ou ainda, “da fala para a escrita – retextualização”.

Analisados os aspectos estruturais, é relevante avaliar se há propostas de trabalho para o desenvolvimento das quatro habilidades da Língua Portuguesa e como serão trabalhadas em cada curso durante o ano letivo. Novamente, usaremos a divisão em dois grupos, anteriormente proposta. O ouvir e o falar: aquele não se encontra destacado em nenhum dos planos, porém, na metodologia tem-se a apresentação de seminários os

quais, se bem dirigidos, podem proporcionar ao aluno o desenvolvimento de tal habilidade, pois ele ouvirá para informar-se e responder, podendo, assim, trabalhar a fala, que, por sua vez, será desenvolvida nesses planos, relacionando-se com a escrita para que os discentes percebam quais os aspectos estilísticos ausentes na fala, o que subentende o estudo das variedades lingüísticas, pois a língua padrão encontra-se nos conteúdos a serem trabalhados. Nesses planos, a fala não é trabalhada em seu real objetivo: a codificação da mensagem a ser enviada, expressando claramente as idéias do emissor como forma de argumentação e persuasão, mas, é trabalhada na forma de um “rascunho oral” da escrita, como já citado no objetivo específico no plano de ensino de Letras “transformar o texto oral em escrito criando versões alternativas”, distanciando-se do real conceito de relação entre fala e escrita. De acordo com Faraco (1992, p. 111), “escrever não é somente ‘imitar a fala’, mas reformulá-la em outra gramática”.

Quanto ao segundo grupo, ler e escrever, essas habilidades são mais trabalhadas, correspondendo em determinados aspectos às propostas de diversos autores. A leitura, de acordo com os planos, não será apenas uma decodificação, haverá a interpretação, a leitura nas entrelinhas. Encontra-se, ainda, o trabalho das estratégias de leitura que tende a levar os alunos à adequação e à compreensão de cada texto/autor. A leitura em tais planos não se apresenta como meio de aquisição de novos conhecimentos que propiciarão uma clareza de idéias e conteúdos na transmissão de suas opiniões.

A idéia de que a escrita seja a principal habilidade que os alunos desejam desenvolver na Língua Portuguesa, conforme citado, concretiza-se ao vermos que os docentes tendem a trabalhá-la com maior assiduidade; porém a forma de trabalho não proporciona ao aluno a oportunidade de apresentar seu conhecimento após essas leituras, posto que a escrita é trabalhada por parágrafos, resumos e paráfrases. Quanto ao escrever, não se refere à reprodução ou modelos pré-determinados, mas à capacidade de argumentação de forma objetiva, clara e com conteúdo significativo.

Bernardo (apud Faraco, 1992, p. 84) relata que “Aqui a redação não é aquela coisa biônica de trinta linhas vestibulandas; a redação de que falo é outra, são outras. Aquelas escritas para fazerem alguma diferença. Aquelas que dão conta das nossas diferenças”. É assim que os

universitários devem entender a escrita como algo inovador, funcionando como propulsão do seu conhecimento e não reprodução do que outros já escreveram, por meio de resumos ou paráfrases.

Para estabelecer o paralelo entre propostas de autores que descrevem o ensino da Língua Portuguesa com as propostas de docentes, outro plano de ensino ainda será analisado, o da Faculdade Estácio de Sá, de Santa Catarina, do curso de Jornalismo.

Nesse curso, a disciplina se intitula “Língua Portuguesa, Redação e Expressão Oral”, o que nos remete à idéia de um estudo mais abrangente da língua. Vejamos o objetivo específico da disciplina: “Capacitar o aluno a comunicar-se com expressividade e correção, adequando a sua mensagem aos meios e aos contextos das diversas situações de comunicação, habituando-se à leitura, à prática de redação e às técnicas de comunicação sugeridas pela criatividade didático-pedagógica.”

Aliado a esse objetivo, é pertinente observar algumas das estratégias de ensino propostas pelo professor: “aulas expositivas e participativas; dinâmicas de grupo; leitura e análise de bons autores; produção de textos”.

Como citado anteriormente, a dinâmica de grupo é a melhor forma de trabalho das quatro habilidades, desde que bem dirigida pelo professor, que deve incentivar a discussão como meio para troca de conhecimentos e que possibilita ao aluno o desenvolvimento das habilidades básicas de comunicação: falar, escrever, ler e ouvir e, conseqüentemente, pensar.

Nos planos analisados, apenas este relata a dinâmica de grupo, porém devemos nos ater a outros aspectos descritos no objetivo específico que correspondem à opinião de diversos autores, como a utilização da língua para capacitar o aluno a comunicar-se com expressividade, pois, para tal expressividade, é necessário ter-se o domínio da fala e do conteúdo, que, por sua vez, é adquirido por meio de boas leituras acerca do assunto a ser debatido - acarretando uma maior bagagem de conhecimento - e pelo debate em sala de aula.

Ao contrário dos demais planos de ensino, neste a escrita não se restringe à elaboração de parágrafos, resumos e paráfrases, tornando a produção de textos algo repetitivo e não um meio de expressão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas pesquisas bibliográficas, vimos que o ensino da Língua Portuguesa deve ser algo contínuo, unificado e contextualizado. Assim, saber ouvir é importante para a troca de conhecimentos e é princípio para bem expressar-se pela fala. Da mesma forma, a leitura, além de proporcionar o conhecimento sobre determinado assunto, também leva o aluno a desenvolver a escrita, o que ressalta que nenhuma habilidade pode se desenvolver em sua plenitude sem o desenvolvimento paralelo das outras e que tal desenvolvimento não deve ser feito apenas por meio de exercícios de fixação que poderão ser rapidamente esquecidos.

Este estudo demonstrou que algumas universidades, mantêm-se como telespectadoras da depreciação da língua, não cobrando de seus docentes que desenvolvam um ensino que corresponda às expectativas como a descrita por Luckesi (2000, p.42) em relação à universidade “(...) sua missão não se esgota na mera transmissão do que é sabido, ela deve fazer avançar o saber”.

Tal saber espera-se que possa, ao menos, iniciar na elaboração de planos de ensino que sejam adequados a cada curso, pois um estudante de Direito pode não entender com a mesma facilidade que um aluno de Letras a opinião de determinado autor, mas poderia entender e se interessar mais por textos que estivessem no contexto de ensino de seu curso de graduação.

A melhor elaboração dos planos de ensino é realmente necessária, porém mais necessário ainda é que se valorize a Língua Portuguesa, que ela não seja eliminada das grades curriculares de alguns cursos, como vem acontecendo. Vale ressaltar que não basta uma melhor elaboração dos planos de ensino, pois os conteúdos a serem trabalhados devem estar em constante renovação, de modo que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver as quatro habilidades da Língua Portuguesa e que saiam aptos a transmitir os conhecimentos que adquiriram, reconhecendo a devida importância do aprendizado da disciplina em qualquer curso de graduação que é proporcionar ao aluno a oportunidade de desenvolver paralelamente as quatro habilidades da Língua Portuguesa, estando capacitado a bem interpretar, tanto pelo ouvir quanto pelo ler, e a bem expressar-se pelo falar e escrever.

## REFERÊNCIAS

BONALS, J. **O trabalho em pequenos grupos na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 2. ed. Brasília: DP&A, 2000.

BUENO, F. da S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, [20- ?].

CHAMADOIRA NETO, J. B.; RAMADAN, M. I. B. **Língua portuguesa: pensando e escrevendo**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1988.

FARACO, C. A.; CRISTÓVÃO, T. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HOSS, M. da C. **Prática do ensino da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

LUCKESI, C. et. al. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. São Paulo: Cortez, 2000.

POSSENTI, S. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

---

Recebido em / Received on / Recibido en 21/06/2007  
Aceito em / Accepted on / Acepto en 05/12/2007

# Agora as revistas científicas da UNIPAR mais perto de você.



<http://revistas.unipar.br>  
submissões online, textos completos e informações.

CEDIC - Coordenadoria de Editoração e Divulgação Científica

Praça. Mascarenhas de Moraes, s/n  
CEP 87.502-210, Umuarama - Paraná  
Fone: (44) 3621-2812; (44) 3621-2828 ramal 1311  
Fax: (44) 3621-2830  
e-mail: [cedic@unipar.br](mailto:cedic@unipar.br)

